

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



LEONARDO CESAR ALVES MOREIRA

**Abecedário das (In)Visibilidades: Cinema e Criação no
Instituto Benjamin Constant, da Escola à Mostra de Cinema de
Ouro Preto**

**Rio de Janeiro
2017**

LEONARDO CESAR ALVES MOREIRA

**Abecedário das (In)Visibilidades: Cinema e Criação no
Instituto Benjamin Constant, da Escola à Mostra de Cinema de
Ouro Preto**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da
UFRJ como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Adriana Mabel Fresquet

**Rio de Janeiro
Julho/2017**

MOREIRA, Leonardo Cesar Alves.

Abecedário das (In)Visibilidades: Cinema e Criação no Instituto Benjamin Constant, da Escola à Mostra de Cinema de Ouro Preto/Leonardo Cesar Alves Moreira. Orientadora: Prof^a. Dra^a. Adriana Mabel Fresquet. Rio de Janeiro, 2017.

54 f.: fig.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

1. Baixa Visão; 2. Visibilidade; 3. Cinema; 4. Educação; 5. Abecedário



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Abecedário das (In)Visibilidades: Cinema e Criação no Instituto Benjamin
Constant, da Escola à Mostra de Cinema de Ouro Preto**

Leonardo Cesar Alves Moreira

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UFRJ como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr^a. Adriana Mabel Fresquet

Prof^a. Dr^a. Aline Veríssimo Monteiro

Prof^a. Dr^a. Fernanda Omelczuk Walter

Rio de Janeiro, julho de 2017.

Àquelas e aqueles que ousam ensinar e aprender, dentro e fora da escola. Em especial aos meus avós, Zilda e Toninho(In memoriam), pelos ensinamentos de vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, Jesus Cristo, Alah, Buda, Jah... não me importa muito seu nome, mas agradeço a esta força do campo extrafísico pela possibilidade de estar aqui e de continuar a caminhada para chegar a algum lugar... Por favor, continue guiando meus caminhos!

Aos meus familiares, em especial ao meu filho Bernardo, que me fez pai, e que me ensina a cada dia mais a importância da Educação em seus aspectos mais plurais e afetivos. São muitas aprendizagens ao longo desses 7 anos e pouco. Valeu por estar aqui, cara! Aos meus pais, Cesar e Elizabete e minha irmã, Letícia, que continuam participando ativamente dessa jornada que é a vida! Sem vocês jamais chegaria a lugar algum. Seguimos em frente!

Aos colegas de turma da Pedagogia, que compartilharam deste espaço de aprendizagens e ensinamentos ao longo dos últimos anos. Mas em especial, aos poucos e melhores amigos que poderia ter feito ao decorrer do curso. Ao Alessandro, por acreditar, ouvir, compartilhar dos meus planos em tantos momentos, por mais malucos que as vezes parecessem. Ao Carlos, que "surgiu" do nada na turma e que sempre nos trouxe uma dose extra de alegria, sobretudo nos momentos que o curso parecia não ter mais fim! Ao Daniel, cara com quem tive mais convívio fora da UFRJ, mas que sempre traz mil possibilidades para se enxergar novos rumos para a Educação. À Jeyce, amiga de todas as horas, que muito me ensinou, ensina e inspira sobre a vida! Saudades do nosso convívio diário! Ao Marcão, pelos diálogos em relação ao mundo! Pelo incentivo e por sua sensibilidade de me enxergar como alguém capaz, mesmo quando eu duvidava disso! Obrigado a vocês, que se tornaram grandes mestres nesse convívio!

À Renata, um verdadeiro presente que inesperadamente recebi nesses últimos anos, e que se faz presente na minha vida! Obrigado, de coração, por compartilhar sonhos comigo! Obrigado por existir e trazer tanta luz para minha vida, lindona!

À Adriana, por acreditar, confiar e permitir que eu corresse meus próprios riscos ao decorrer desta jornada monográfica! Mestra Ignorante, não é?

À galera do CINEAD pelas trocas, diálogos e possibilidades de ampliação de repertórios das experiências entre Cinema e Educação. Em especial ao amigo e mestre Thiago, por assumir a figura de "mentoria" durante meus primeiros passos nessa empreitada!

Ao meu amigo Júlio e também à Dona Maria, que possibilitaram que a travessia neste mar fosse mais branda. Ao Júlio, obrigado por ceder sua casa em tantos momentos, "OBRIGADAÇO" por me oferecer vários repertórios que ampliassem meu olhar sobre a artes, seja através de nossas conversas, de indicações de filmes, livros ou ainda por poder observar um pouco do seu processo de criação! À Dona Maria, pelos ensinamentos de vida, por fazer a comida mais gostosa e saudável que já experimentei! O que vocês fizeram/fazem por mim é lindo!

Ao Léo e à Laís, pelos "rolés" em Vila, pela troca de ideias e parceria!

Aos professores e professoras da Faculdade de Educação, por me fazerem sair pensando "diferente", se comparado ao dia que pisei pela primeira vez numa sala de aula na Praia Vermelha! Um agradecimento especial à professora Irene, ao se mostrar sempre solícita ao diálogo, situação que sempre me ajudou e incentivou muito a dar continuidade...

À garotada da Escola de Cinema Adèle Sigaud, que sempre "chegou junto" e demonstrou interesse em fazer Cinema! Essa curiosidade e desejo foram as doses necessárias para que eu pudesse ensinar e aprender com vocês, ensinar e aprender com a especificidade de cada um de vocês. Um "salve" especial aos meus camaradas Sérgio e Yuri, que se tornaram meus amigos desde o "rolé" em Ouro Preto.

À equipe da Escola de Cinema Adèle Sigaud, Cristina, Josiane, Walmir e Dona Sirlei! Se vocês não tivessem acreditado neste projeto, nada disso seria possível! Bora fazer mais filmes!?

Obrigado a todos e todas que contribuíram de alguma forma nesse caminho cheio de desafios e novidades!

RESUMO

Este estudo pretende analisar a participação de dois estudantes de baixa visão da Escola de Cinema Adèle Sigaud, do Instituto Benjamin Constant (IBC) , na 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP), realizada no período de 17 a 22 de Junho de 2015. Os estudantes tiveram a oportunidade de representar a instituição, exibindo os filmes produzidos durante as aulas de cinema. Diante disso, nosso objetivo central é investigar possíveis visibilidades das ações discentes do público de baixa visão através da prática cinematográfica. O referencial teórico que permeia as questões norteadoras e a hipótese deste estudos concentra-se na Pedagogia da Criação (BERGALA, 2008), desenvolvida pelo cineasta e educador Alain Bergala e na Igualdade de Inteligências (RANCIÈRE, 2002). Partimos destes referenciais como escopo para a construção teórico-metodológica deste estudo, que norteia o processo de criação de um filme, em formato de *Abecedário*, onde os próprios estudantes narram suas experiências entre assistir e fazer cinema no interior da escola ao momento de exibição de seus filmes, fora do contexto escolar. O objetivo do presente estudo é, a partir deste recorte, contribuir para o avanço de discussões sobre possíveis visibilidades das ações dos estudantes de baixa visão através de experiências cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Baixa Visão; 2. Visibilidade; 3. Cinema; 4. Educação; 5. Abecedário.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O ESTADO DA ARTE	7
1.1 Eixo 1 - Cinema Como Arte: Possibilidades de Criação na Escola	8
1.2 Eixo 2 - As Especificidade do Público com Cegueira e Baixa Visão	10
CAPÍTULO 2 - O CAMPO EMPÍRICO E DESDOBRAMENTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS	16
2.1 O Instituto Benjamin Constant	16
2.2 A Entrada do Cinema na Escola de Cegos: Um Breve Histórico da Escola de Cinema Adèle Sigaud	17
2.3 A Mostra de Cinema de Ouro Preto	18
2.4 Aspectos Teórico-Metodológicos da Pesquisa: Construção de um Abecedário Sobre Visibilidades	19
2.5 Eleição, Disposição e Ataque: Criando Caminhos de Pesquisa	21
2.6 Mas Afinal, o que é um <i>Abecedário</i> ?	23
2.7 As Etapas Para A Criação do Abecedário das (In)Visibilidades.....	24
2.7.1 Primeira Etapa	25
2.7.2 A Segunda Etapa	27
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

Embora o cinema não tenha nascido com o propósito de ensino - é possível aprender, desaprender e reaprender a cada vez que se liga um projetor contra uma telona ou um quadro branco, ou bem quando flagramos ou forjamos o real com uma câmera ou montamos imagens e sons para construir sentidos e inventar mundos. (FRESQUET, 2015, p.210)

O envolvimento pessoal com a temática cinema e educação teve início ao decorrer do curso de licenciatura plena em Pedagogia, oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que durante o percurso formativo, os estudantes são instigados a compreender os aspectos históricos, sociais e culturais que permeiam os processos educacionais e de escolarização. São realizadas leituras, discussões, seminários e avaliações. Busca-se o aprofundamento teórico quanto a dimensão crítica em torno do papel político da educação. Para além destes dispositivos e objetivos, o estudante tem a possibilidade de transitar por espaços nos quais ocorrem a prática educativa, de ensino, pesquisa e extensão. São ofertados estágios curriculares, extracurriculares e/ou ainda programas de iniciação científica e extensão oferecidos pela instituição.

A Universidade, neste sentido, tornou-se campo imprescindível para novas formas de criticar e desenvolver diferentes possibilidades de enxergar o mundo, *aprendendo, desaprendendo e reaprendendo* (FRESQUET, 2009). Tais características possibilitam a constante ressignificação do olhar e da produção de sentidos em relação ao mundo, contribuindo para a ampliação de possibilidades culturais e profissionais. Esta circulação em diferentes territórios culturais e o desenvolvimento de novos repertórios quanto ao processo ensino-aprendizagem são características imprescindíveis para o exercício de uma educação crítica.

O percurso formativo, nesse sentido, permeia circunstâncias que envolvem "dentro" e também "fora" da Universidade. Nesta introdução busco descrever um pouco desta trajetória e, portanto, alguns dos caminhos percorridos que nos levaram ao diálogo proposto através desta pesquisa, isto é, acerca das visibilidades, cinema, educação e cegueira.

No decorrer dos estágios extracurriculares e na atuação no projeto de extensão Cinema Para Aprender e Desaprender (CINEAD) foi possível participar de experiências

em distintos campos de atuação. Transitar por diferentes espaços representou a possibilidade de refletir quanto a inúmeros desafios da articulação entre conhecimentos do campo teórico às relações que se dão no exercício da prática docente.

É possível atribuir algumas experiências como fundamentais ao decorrer deste processo formativo. São elas o desenvolvimento de ações na área de Alfabetização Digital, através do Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LAISS), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz; as experiências com Informática Educativa no Colégio Andrews; experiências de desenvolvimento de projetos artísticos e culturais, através da Agência de Redes Para Juventude; e ainda como *Passeur*¹, na Escola de Cinema do Instituto Benjamin Constant - a Escola de Cinema Adèle Sigaud.

As experiências nestes espaços representaram possibilidades de ampliar as reflexões quanto aos principais desafios do Pedagogo no que tange o processo ensino-aprendizagem, sobretudo pela pluralidade cultural que as distintas experiências representaram. Em meio a diversidade e a pluralidade apresentadas pelos públicos mencionados, é possível destacar um ponto em comum observado como desafiador para o desenvolvimento de ações como educador nestes espaços: qual importância que damos a visibilidade dos gestos de criação realizados pelos/as estudantes? Neste estudo, procuramos nos concentrar em torno desta questão como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. É através desta questão que enxergamos alguns caminhos para desenvolver um ensaio sobre as possibilidades de que, através da prática cinematográfica, os/as estudantes de baixa visão do Instituto Benjamin Constant (IBC) se sintam "vistos", isto é, reconhecidos por suas próprias criações realizadas dentro dos espaços escolares.

Ao reconhecermos que o objetivo central desta pesquisa está relacionado a importância das visibilidades em torno dos gestos de criação na escola, tomamos como escopo algumas possibilidades de observação em torno de experiências cinematográficas realizadas com estudantes de baixa visão do Instituto Benjamin Constant.

A hipótese para esta pesquisa concentra-se numa Pedagogia da Criação, retratada por Bergala (2008) como a capacidade de ampliação da imaginação através da

¹ Bergala se refere ao conceito proposto por Serge Daney (1944-1992, francês, crítico de cinema), compreendendo o professor como aquele que dá algo de si mesmo, que acompanha na barca ou pela montanha aquele a quem deve fazer passar, que corre os mesmos riscos daqueles que tem sob sua responsabilidade.

valorização dos processos criativos. Ao partirmos desta Pedagogia proposta por Bergala, partilhamos da compreensão de que o cinema potencializa a imaginação, a criação, fortalece a dimensão de pertencimento ao grupo, gestos imprescindíveis a uma Educação Emancipadora (RANCIÈRE, 2002). Esta dimensão de pensamento em torno do cinema evidencia a potência de assistir e fazer filmes na escola, compreendendo-os como "obras de arte e de cultura" (BERGALA, 2008, p.46). O Cinema aliado à Educação, emerge, portanto, como possibilidade de transgressão do modelo de educação vigente: o de transmissão. Possibilita, desta maneira, que discentes e docentes caminhem juntos na construção de conhecimentos. Neste aspecto, buscamos como alternativa uma Pedagogia que busque romper com a postura geralmente atribuída aos professores, como explicadores de conteúdos.

Estes indícios, nos permitem partilhar também da ideia de igualdade de inteligências, desenvolvida na obra de Jacques Rancière, o *Mestre Ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual* (2002). Acreditamos que os apontamentos destes autores representam possibilidades reais de colaborar com o desenvolvimento de práticas que criem "condições de tempo e meios" (FRESQUET, 2013, p. 22) para que possamos desenvolver caminhos próprios em busca de nossa emancipação intelectual. Partiremos, portanto, destas dimensões artísticas e de emancipação intelectual, como possibilidade de analisar os movimentos de assistir, fazer e exhibir filmes como potenciais formas de desenvolvimento dos gestos de criação. Buscamos através destes três momentos do exercício cinematográfico no Instituto Benjamin Constant, criar alternativas de ampliação das formas de visibilidade em torno das ações dos/as estudantes de baixa visão, encarando-as como possibilidade real de que os/as estudantes desenvolvam diferentes repertórios através do cinema, aumentando suas condições de criação.

As reflexões decorrentes destas experiências, somadas às memórias de minha própria trajetória e influências dos autores supracitados exercem o papel de principal justificativa para buscar identificar relações do processo artístico como alternativa da visibilidade das ações discentes.

Foi comum durante a infância ouvir a frase: "tá fazendo arte, né?"; que em geral surgia em tom de questionamento ou de ironia por parte dos adultos quando consideravam que estava acontecendo algo diferente (que em geral era considerado ruim). A curiosidade pelo(s) por que(s) de "fazer arte" ser encarado desta maneira ainda permeiam meu cotidiano. Durante a primeira etapa de escolarização gostava de

desenhar, acreditava por vezes tratar-se de algo muito mais interessante do que reproduzir as letras e o mundo escrito da maneira mecânica como eram apresentados. Neste processo, tenho como recordação minha primeira angústia quanto à meritocracia, pois os alunos que apresentavam as melhores "cópias" eram bonificados com estrelas e adesivos. Estas ações me incomodavam mas ainda preferia desenhar, até receber como "presente" um caderno de caligrafia. Passei a receber as tais estrelas, entretanto, passei a desenhar menos. Situações estas, que possivelmente perpassam o universo de muitas crianças e jovens. Hoje, como futuro docente, potencializam minha crença de que possamos criar condições para que a escola apresente propostas diferenciadas em relação a tais práticas.

Tenho como principal exemplo particular para enxergar a educação como ato de criação a minha primeira experiência relacionando cinema e educação, havendo a possibilidade de experimentação de "narrar" um mundo particular através da prática do Minuto Lumière². Ato "singelo" que a ação de enquadrar, durante 1 minuto, em plano parado, acontecimentos corriqueiros traz à tona a potência educativa que este exercício remonta para o imaginário e as relações que diante de uma câmera possamos vivenciar. Transformar o corriqueiro em algo único. Transportar aqueles que se dispõem ao redor da câmera a condição de realizadores. Simples e afetivo! Ao reconhecer esta potência, o diálogo entre cinema e educação foi casualmente iniciado. A prática do minuto Lumière nos transporta as origens do surgimento do cinema, tornando-se base central para nos confrontarmos com nossas próprias subjetividades a partir do olhar, além de nos confrontarmos com as subjetividades daqueles que o realizam, quando assistimos as produções coletivamente, por exemplo. Motivado pelo desejo de me tornar um "fazedor" de cinema junto aos estudantes, tive a oportunidade, no início do ano de 2015, de ingressar no Projeto de Extensão Cinema Para Aprender e Desaprender (CINEAD).

O CINEAD, vinculado ao Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual (LECAV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem como pretensão uma iniciação à experiência do cinema, tomando como ponto de partida a igualdade das inteligências de todos os envolvidos. Para tal, professores de escolas públicas participaram de um curso de Aperfeiçoamento durante um ano 2012 (um mês intensivo

²Prática criada pelo cineasta Alain Bergala e a responsável pedagógica da Cinemateca francesa, Natalie Bourgeois, quando foi o centenário da criação do cinematógrafo. Ela consiste em remontar o gesto inicial da criação cinematográfica, onde a/o estudante grava um minuto de alguma cena cotidiana com a câmera parada, tal qual gravavam com o cinematógrafo os irmãos Lumière e seus operadores.

e o resto do ano com encontros quinzenais) e depois têm sido acompanhados nos seus trabalhos cotidianos na escola por estudantes de pós-graduação e de graduação para trabalho em conjunto. Quatro escolas foram contempladas com equipamentos para a realização de aulas de cinema e de atividades cineclubistas. O programa trabalha também com as escolas de cinema do Colégio de Aplicação da UFRJ (escola piloto, criada em 2008), o Instituto Benjamin Constant, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, e na Escola de Educação Infantil da UFRJ. O CINEAD atende as quatro escolas federais supracitadas, duas estaduais (CIEP 175 - José Lins do Rego, localizada em São João de Meriti e o Colégio Estadual José Martins da Costa – Nova Friburgo, acrescentam-se ainda duas instituições de ensino municipais: Escola Municipal Vereador Antônio Ignácio Coelho (Paraíba do Sul) e Escola Municipal Prefeito Djalma Maranhão (Vidigal, Rio de Janeiro).

O CINEAD criou até o momento 8 (oito) escolas de cinema e atividades de cinema/educação na Cinemateca do MAM, no Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira, nas casas de idosos do Rio de Janeiro (Gávea, Tijuca e Maré). Dentre as quais, nos interessa pesquisar sobre a Escola de Cinema Adèle Sigaud, no Instituto Benjamin Constant (IBC). A área de atuação desta pesquisa concentra-se em torno desta instituição, na qual buscamos investigar a importância da visibilidade das ações, envolvendo as práticas cinematográficas de estudantes de baixa visão.

No primeiro capítulo será desenvolvida a argumentação quanto aos critérios estabelecidos para a realização do levantamento bibliográfico, buscando e selecionando algumas pesquisas, publicações e trabalhos produzidos sobre a temática cinema e educação no Portal de Artigos, Teses e Dissertações da CAPES. Este mapeamento possibilita identificar pesquisas e a produção intelectual no que diz a relação entre cinema e educação. Afim de aprofundarmos a discussão no que tange o objetivo central e dos objetivos específicos para a escrita deste trabalho, tomaremos como recurso metodológico o desenvolvimento da revisão bibliográfica a partir de critérios e termos relacionados ao próprio campo de atuação e dos sujeitos da pesquisa. Na segunda etapa, destacamos as principais fundamentações teóricas que, em diálogo com Bergala (2008) e Rancière (2002) organizam a escrita e desenvolvimento dos caminhos desta pesquisa.

No segundo capítulo apresentamos campo empírico, o objeto e a metodologia de pesquisa. Durante a primeira parte do capítulo, realizamos uma contextualização explicitando a importância da delimitação do objeto de pesquisa. Para tal serão

apresentados aspectos quanto a história do Instituto Benjamin Constant, do surgimento da escola de Cinema Adèle Sigaud e informações sobre a Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP). Em seguida, retratamos os procedimentos adotados para o desenvolvimento metodológico para a filmagem do *Abecedário das (In)Visibilidades*.

O terceiro capítulo trata-se do capítulo de articulação entre os aspectos teóricos e os dados coletados no *Abecedário*. Desta maneira organizamos os verbetes oriundos do *Abecedário* como categorias de análise, oferecendo subsídios para os diálogos propostos através deste estudo. Onde buscamos identificar possíveis relações de visibilidades que os estudantes de cinema do IBC possam ter vivenciado dentro e fora da escola através do cinema.

Por fim, serão apresentadas algumas considerações a partir deste estudo. Busca-se o aprofundamento crítico em torno do cenário investigado, apontando algumas sugestões e possibilidades de caminhos que este trabalho desempenha para novos estudos a serem realizados na área.

CAPÍTULO 1 - O ESTADO DA ARTE

Este capítulo concentra-se em torno do levantamento das principais produções no que tange a diálogos entre cinema e educação. Busca-se a partir de trabalhos de caráter científico indícios para caminhar quanto as possíveis relações de visibilidade das ações discentes que os gestos de criação oriundos de práticas artísticas possam vir a exercer para estudantes de baixa visão.

Ao decorrer do processo de pesquisa, a revisão bibliográfica do quadro atual de publicações na área tem atuado como ferramenta de imprescindível valor para compreender estratégias e percursos empreendidos durante o processo de leitura e escrita deste trabalho. Tomar como "norte" as movimentações, reflexões e experiências realizadas no campo acadêmico tem contribuído para a compreensão dos desafios ao relacionar cinema e educação ao público com baixa visão.

Para a realização do levantamento bibliográfico, utilizamos como fonte a base de dados de artigos científicos da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior (CAPES)³. Através do portal, iniciamos a pesquisa por periódicos tomando como critério central as palavras-chave: Cinema – Educação, utilizando como recorte temporal publicações entre 1995 e 2015. Através deste filtro obtivemos o total de 237⁴ resultados, sendo 133 artigos, 99 dissertações de mestrado ou teses de doutorado, 4 livros e 1 recurso textual. Havendo enorme quantidade de trabalhos publicados a partir destes descritores, realizamos nova pesquisa a partir de recorte temporal semelhante, tomando como critério a inclusão do termo "Escola", afim de obter resultados mais compatíveis com o eixo central da pesquisa. A partir da nova busca, com a tríade Cinema - Educação - Escola, obtivemos 61⁵ resultados, sendo 33 artigos e 28 dissertações de mestrado ou teses de doutorado.

Com a realização da leitura de alguns dos resumos, que sequer abordavam a temática que permeia a hipótese central e/ou os sujeitos da pesquisa, tornou-se possível constatar a ausência de relações que articulassem os resultados obtidos a partir da tríade Cinema - Educação - Escola a uma Pedagogia da Criação e a concepção de Igualdade de Inteligências que trazemos como hipótese central deste estudo; e/ou ainda que estivessem conectadas com os sujeitos da pesquisa do qual procuramos nos deter neste

³ <http://www.capes.gov.br/>

⁴ O portal CAPES identificou 240 resultados, apresentando três artigos em duplicidade.

⁵ O portal CAPES identificou 62 resultados, apresentando um artigo em duplicidade.

trabalho, isto é, estudantes de baixa visão da educação básica. Partindo deste pressuposto, decidimos organizar esta busca através de dois eixos centrais que estivessem compatíveis com esta pesquisa. Os quais serão descritos adiante:

1.1 Eixo 1 - Cinema Como Arte: Possibilidades de Criação na Escola

Ao compreendermos o cinema como ato artístico que tensiona imaginação e gesto criativo, surgiu a necessidade de um filtro condizente com estas possibilidades. Desta maneira, mantivemos o recorte temporal da revisão bibliográfica e a tríade Cinema - Educação - Escola, optando pela inserção de um quarto filtro durante a nova busca. Incluindo-se o termo arte*⁶. Obtivemos desta maneira 17 resultados⁷, sendo 6 artigos e 11 dissertações de mestrado. Estes, organizados nos quadros abaixo:

QUADRO 1: ARTIGOS

ANO PUBLICAÇÃO	AUTOR E ARTIGO
2009	ANDRADE, V. G. . Os usos das 'imagens em movimento' na escola: o que está presente no currículo?. Revista Espaço do Currículo (Online) , 2009.
2006	MACHADO PINTO, Fábio; GOMES PEREIRA, Lana. A Experiência de ver filmes na formação inicial de professores de educação física. Pensar a Prática, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 101-116, nov. 2006
2010	WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter. <i>Educ. rev.</i> [online]. 2010, vol.26, n.3 [cited 2016-05-11], pp.103-127.
2010	RUBIANO ALBORNOZ, Elisabel, La cultura escolar reflejada en los discursos artísticos. <i>Educere</i> [en linea] 2010, 14 (Enero-Junio)
2012	AMARAL, Iraides Gonçalves do; FREITAS, Alessandra Demite Gonçalves de; ALVARENGA, Marcelo Aparecido. Projetos Educacionais e Estudos Observacionais em Análise Fílmica: Qual o Atual Status de Produção no Brasil?. Revista de Gestão e Projetos - GeP , [S.l.], v. 3, n. 3, p. 215-250, dec. 2012.

⁶ Grafado com asterisco para ampliar a busca do termo no plural.

⁷ O sistema CAPES identificou 18 resultados, entretanto, havia uma dissertação em duplicidade.

2009	ARAÚJO-OLIVEIRA, A.; LENOIR, A. y LEBRUN, J. (2009) Étude critique de la documetation scientifique brésilienne relative à l'analyse des practiques enseignantes. <i>Canadian Journal of Education</i> , 32(2), 285-316.
------	---

QUADRO 2: DISSERTAÇÕES E TESES

ANO DA DEFESA	REFERÊNCIAS
2008	CIPOLINI, Arlete. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
2013	SANTOS, Verônica Valério. Por uma educação da sensibilidade: narrativa, mito, memória e transcendência em cinema paradiso. 2013. 143 f. , il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
2007	CATELLI, Rosana E. Dos “Naturais” ao documentário: cinema educativo e a educação do cinema, entre os anos de 1920-1930. São Paulo: tese de doutorado, UNICAMP, 2007.
2013	ZAUPA, Maria de Fátima da Silva. O filme na escola: abordagens pedagógicas para a educação das artes visuais. 2013. 201 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
2011	FARIA, Nelson Vieira da Fonseca. A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica. 2011. 90 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011.
2010	GOMES, Francisco Wellington Borges. Trajetórias de apropriação de Vídeos e Filmes por um grupo de Professores de Língua Inglesa. 2010. 195p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
2011	ALMEIDA, Marcelo Ribeiro de. educação, escola e modernidade avançada através das lentes do cinema. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual

	de Campinas.
2008	SILVA, Maria Carolina da. A infância no currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetivação dos/as infantis. Dissertação de Mestrado (Educação): FaE/UFMG, 2008.
2007	MALUSÁ, Vivian. M299c Católicos e Cinema em São Paulo: O Cine-clubes do Centro Dom Vital e a Escola Superior de Cinema São Luis. / Vivian Malusá. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.
2004	FERREIRA, Fernando César. Diálogos sobre o tempo: arte e ciência, educação. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

Partindo desta seleção mais específica no que tange os filtros Educação - Cinema - Escola - Arte*, realizamos a leitura do resumo das obras acima listadas visando maior proximidade com a hipótese que buscamos problematizar ao decorrer desta pesquisa. Destacamos o interesse pelo artigo intitulado *Os usos das 'imagens' em movimento na escola: o que está acontecendo?* (ANDRADE, 2009), que traz uma dimensão do cinema como obra de arte, focalizando-o como artefato cultural, escopo para sua problematização em torno do currículo escolar. No segundo quadro, voltado a dissertações e teses, destacamos o estudo intitulado *A linguagem cinematográfica na escola: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica* (FARIA, 2011). Através dele, o autor realiza inicialmente uma abordagem histórica em torno do surgimento do cinema, para em seguida problematizar uma experiência de criação de filmes produzidos por estudantes do Ensino Médio no interior da escola.

1.2 Eixo 2 - As Especificidade do Público com Cegueira e Baixa Visão

Partindo do eixo central composto pelos termos Educação - Cinema, incluímos termos que designassem os sujeitos desta investigação, isto é, estudantes de baixa visão. Alternando entre: cego* (36), cegueira (21) e "baixa visão" (0), obtivemos resultados que pouco se articulavam com a temática investigada, em geral mais direcionados a uma perspectiva médica em torno da cegueira. Desta maneira surgiu a necessidade de realizar uma nova busca, através de termos que delimitassem as pesquisas voltadas especificamente a este público e suas relações com a educação escolar. Diante disso, a

necessidade de um segundo eixo para o desenvolvimento da revisão bibliográfica. Partimos desta vez dos termos Educação - Escola, alternando novamente entre: cego*(69)⁸, cegueira (21), "baixa visão" (20)⁹.

Tomando como parâmetro o objeto de pesquisa, estudantes de baixa visão, selecionamos as produções oriundas dos descritores Educação - Escola - "Baixa Visão". Obtivemos o total de 12 artigos e 8 dissertações ou teses. Conforme os quadros abaixo:

QUADRO 3: ARTIGOS

ANO PUBLICAÇÃO	AUTOR E ARTIGO
2009	ZUCHERATO, B.; BIAZOTTO, R. F.; FREITAS, M. I. C. Aplicações de gráficos táteis de histogramas e setogramas para alunos cegos e de baixa visão: uma prática inclusiva. Rev. Ciênc. Ext. v.5, n.2, p.103, 2009.
2012	FERRONI, Marília Costa Câmara; GASPARETTO, Maria Elisabete Rodrigues Freire. Escolares com baixa visão: percepção sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas. Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 18, n. 2, p. 301-318, June 2012.
2008	LAPLANE, Adriana Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. Cad. CEDES, Campinas, v. 28, n. 75, p. 209-227, Aug. 2008
2009	MARUYAMA, Aparecida Tapia; SAMPAIO, Paulo Ricardo Souza; REHDER, José Ricardo Lima. Percepção dos professores da rede regular de ensino sobre os problemas visuais e a inclusão de alunos com baixa visão. Rev. bras.oftalmol., Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 73-75, abr. 2009.
2004	GASPARETTO, Maria Elisabete R. Freire et al. Dificuldade visual em escolares: conhecimentos e ações de professores do ensino fundamental que atuam com alunos que apresentam visão subnormal. Arq. Bras. Oftalmol., São Paulo, v. 67, n. 1, p. 65-71, Feb. 2004

⁸ Grafado com asterisco para ampliar a busca do termo no plural.

⁹ O sistema CAPES identificou 21 resultados, entretanto, havia um artigo em duplicidade.

2009	PEREIRA, J. L. C. e COSTA, M. da P. R. da – O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 1, p. 89-99, mai. 2009.
2014	Fernandes, Mariana, Roberto de Oliveira Portella, and Sabrina Pereira Soares Basso. <i>Higiene Pessoal Na Perspectiva Da Educação Inclusiva. Personal Care From the Inclusive Education Perspective</i> . 2014.
2012	SA, Michele Aparecida de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. Deficiência visual nas crianças indígenas em idade escolar das etnias Guarani e Kaiowá na região da Grande Dourados/MS: um estudo sobre a incidência e as necessidades específicas e educacionais especiais. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 18, n. 4, p. 629-646, Dec. 2012
2011	FERREIRA, Bárbara Carvalho et al. Parceria colaborativa: descrição de uma experiência entre o ensino regular e especial. Revista Educação Especial , Santa Maria, nov. 2011.
2010	FREITAS, M., VENTORINI, S., RIOS, C., ARAÚJO, T.. Os desafios da formação continuada de professores visando à inclusão de alunos com necessidades especiais. Revista Ciência em Extensão , Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 3, Jun. 2010.
2006	HUEARA, Luciana et al . O faz-de-conta em crianças com deficiência visual: identificando habilidades. Rev. bras. educ. espec., Marília , v. 12, n. 3, p. 351-368, Dec. 2006 .
2008	ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. <i>Imagem corporal e deficiência visual: um estudo bibliográfico das relações entre a cegueira e o desenvolvimento da imagem corporal</i> . Pós-graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

QUADRO 4: DISSERTAÇÕES E TESES

DATA DE DEFESA	REFERÊNCIAS
2006	HADDAD, Maria Aparecida Onuki. Habilitação e reabilitação visual de escolares com baixa visão: aspectos médico-sociais. 2006. Tese (Doutorado em Oftalmologia) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
2007	Mazzaro, José Luiz. Baixa visão na escola: conhecimento e opinião de professores e de pais de alunos deficientes visuais, em Brasília, DF / José Luiz Mazzaro. Campinas, SP : [s n], 2007.
2010	RODRIGUES, Eline Silva. Inclusão escolar de pessoas com deficiência visual no município de Ipatinga (MG): a perspectiva dos alunos e professores. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.
2009	GIL, Flávia Ceccon Moreira. A criança com deficiência visual na escola regular. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009
2010	MAGALHÃES, Alessandra Tanuri. Orientação e Mobilidade: estudo sobre equilíbrio e estratégias de orientação e locomoção utilizadas pelo professor. - Marília, 2010.
2009	BAZON, Fernanda Vilhena. As mútuas influências, família-escola, na inclusão escolar de crianças com deficiência visual. 2009. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
2009	MORAIS, Ieda Maria da Silva Sá; MARQUES, Antônio Villar. Sotobã: suas implicações e possibilidades na construção do número e no processo operatório do aluno com deficiência visual. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
2008	Morales, Aida Souza M792a Apropriação de práticas sociais relativas à sexualidade por jovens adultos com diagnóstico de deficiência intelectual / Aida Souza Morales. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Através deste segundo eixo, buscamos identificar publicações científicas que norteiem algumas possibilidades pedagógicas quanto ao processo ensino-aprendizagem de estudantes cegos e de baixa visão. Destacamos dois artigos dentre o material especificado nos dois quadros acima. O primeiro deles intitulado *Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola* (LAPLANE et BATISTA, 2008), aborda algumas especificidades de um grupo de estudantes cegos e de baixa visão, focalizando na criação de estratégias que favoreçam o uso coletivo de recursos táteis, visuais e auditivos. O segundo, é intitulado *O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes* (PEREIRA et COSTA, 2009). Neste estudo é retratado o ensino de artes para este público, valorizando algumas de suas especificidades e trazendo uma série de recomendações com o intuito de nortear o trabalho pedagógico realizado por professores/as.

ARTICULAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA

À luz da discussão proposta neste estudo, buscamos ao decorrer do processo de desenvolvimento da escrita e criação de um caminho teórico-metodológico, o diálogo alguns autores que, embora não articulem diretamente seus estudos a perspectiva de educação de estudantes cegos e com baixa visão, têm norteado o trabalho pedagógico realizado ao decorrer das experiências cinematográficas no IBC.

Utilizaremos, portanto, como referencial para a problematização e articulação somadas às produções selecionadas através deste levantamento bibliográfico cinco autores para pensar a autonomia (FREIRE, 1987) e emancipação intelectual (RANCIÈRE, 2002), as relações entre Cinema e Educação (BERGALA, 2008; FRESQUET, 2013) e a produção e experimentação artística por cegos (KASTRUP, 2010, 2012; MORAES et MELO, 2014)

CAPÍTULO 2 - O CAMPO EMPÍRICO E DESDOBRAMENTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

O campo empírico se desdobra em dois diferentes espaços e tempos: a Escola de Cinema Adèle Sigaud, localizada no Instituto Benjamin Constant e a Mostra de Cinema de Ouro Preto, evento que ocorre anualmente na cidade, situada no Estado de Minas Gerais.

Ao decorrer da realização da pesquisa no Instituto Benjamin Constant, buscamos problematizar a importância do assistir e fazer cinema com estudantes de baixa visão no interior da escola. Na CINEOP tivemos a oportunidade de ampliar essa problemática, inserindo uma terceira experiência, a de exibição dos filmes produzidos pelos próprios estudantes fora do contexto do IBC.

De modo a contextualizar o leitor quanto ao campo empírico, apresentaremos a seguir um breve histórico de cada um destes espaços, para em seguida avançar quanto ao desenvolvimento teórico-metodológico para a construção do *Abecedário* sobre visibilidades, utilizado como objeto para a análise dos dados deste estudo.

2.1 O Instituto Benjamin Constant

O Instituto Benjamin Constant é uma instituição criada pelo então Imperador D. Pedro II através do Decreto Imperial n.º 1428, de 12 de setembro de 1854. Sua data de inauguração é o dia 17 de setembro do mesmo ano, com o nome de "Imperial Instituto dos Meninos Cegos", sendo a primeira iniciativa concreta no Brasil com o compromisso de garantir aos cegos o direito à cidadania.

Historicamente a instituição passou por significativa ampliação de sua demanda estudantil e clínica, situação esta que impulsionou a construção da atual instalação, no ano de 1890, situada no bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro. A partir de 1891, o instituto recebe o nome que possui atualmente: Instituto Benjamin Constant (IBC), como forma de homenagear seu terceiro diretor.

Em sua dimensão Político Pedagógica, a instituição possui como objetivo oferecer aos estudantes, através da vivência de diferentes práticas, oportunidades variadas de estudo, promovendo o aumento da escolaridade, no compromisso com a educação permanente. Por seu pioneirismo no que tange ensino, pesquisa e extensão voltados à questões relativas a cegueira, o Instituto Benjamin Constant configura-se como centro de referência, a nível nacional, para questões da deficiência visual. Possui

uma escola que atende da educação infantil às séries finais do ensino fundamental, capacita profissionais da área de deficiência visual, assessora escolas e instituições, realiza consultas oftalmológicas à população, reabilita, produz material especializado, impressos em Braille e publicações científicas (KASTRUP, 2007, p.73).

O Instituto Benjamin Constant fica situado na Urca, Rio de Janeiro. Por se tratar de uma estrutura predial antiga, sua organização espacial se difere da maioria dos espaços escolares, contando com uma planta de organização verticalizada. Possui dois prédios interconectados, cada prédio possui dois andares. A instituição conta com refeitório, auditório, teatro, sala de música, laboratório de informática, brinquedoteca, piscina, quadras e campos esportivos, além das salas de aula. As questões que envolvem a acessibilidade são interessantes de ressaltarmos, contando com corrimão em alguns espaços, rampas de acesso e sinalização através de piso tátil e placas em braille.

Durante nossa vivência no espaço escolar foi possível constatar uma série de características em comum entre os desejos de estudantes cegos e de baixa visão do Benjamin Constant e estudantes videntes. Através das experiências realizadas noutros espaços, mencionadas na introdução deste estudo, pudemos perceber o interesse dos jovens em geral pela utilização de tecnologias digitais como possibilidade de intercâmbio de experiências e de se relacionarem.

Esta observação, nos leva a refletir num primeiro momento quanto a eventuais semelhanças entre estudantes cegos e de baixa visão a estudantes videntes de mesma faixa etária, sobretudo no que tange o interesse pelo acesso à diferentes linguagens no âmbito escolar, as quais apresentam-se em diversificados gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

2.2 A Entrada do Cinema na Escola de Cegos: Um Breve Histórico da Escola de Cinema Adèle Sigaud

O projeto da escola de cinema do IBC foi elaborado para a seleção pública aberta pelo Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LECAV/UFRJ), em Dezembro de 2011. Contemplado pela iniciativa, suas atividades tiveram início no primeiro Semestre de 2013 (MORAES *et* MELO, 2014, p. 219; FRESQUET, 2014, p. 68). Ao analisar um pouco dos percursos históricos para elaboração e desenvolvimento do projeto, as idealizadoras retratam a dimensão do cinema enquanto forma de expressão artística, compreendida como prática social (*Ibidem*, 2014, p. 218). Ao dimensionar a importância na relação entre cinema,

educação e deficiência na escola, Moraes e Melo alertam quanto a importância de buscarmos condições para que pessoas com deficiência visual se insiram neste meio como sujeitos de produção e não como espectadores passivos dessa linguagem, permitindo experiências diversificadas de criação (*Ibidem*, 2014, p. 219).

Neste sentido, a Escola de Cinema Adèle Sigaud vem buscando efetivar-se como pioneira na prática de atividades cinematográficas com deficientes visuais no Brasil, isto é, estudantes cegos e de baixa visão. São desenvolvidas atividades cineclubísticas e ações que propiciam o fazer cinema no interior da escola.

A deficiência visual pode ser compreendida como "a redução ou perda total da capacidade de ver com o melhor olho e após a melhor correção óptica" (BRASIL, 1994, p.16). Nosso enfoque, neste momento concentra-se nas experiências cinematográficas em torno do público com baixa visão. Condição classificada como:

A alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho visual do indivíduo. (BRASIL, 2001, p. 33)

As atividades de cinema têm sido realizadas em espaços diversificados da instituição, concentrando os momentos de exibição de filmes, em geral, no teatro e sala de aula, e da realização de exercícios de filmagem em espaços como o pátio, corredores, quadra esportiva, dentro outros.

2.3 A Mostra de Cinema de Ouro Preto

A Mostra de Cinema de Ouro Preto (CINEOP) ocorre anualmente na cidade histórica mineira, caracterizando-se como iniciativa pioneira no circuito de festivais e mostras de cinema. Tem por objetivo central agregar valor de patrimônio à sétima arte e contribuir com um olhar para a história a partir do contemporâneo, em diálogo com a educação e em intercâmbio com o mundo. Idealizada em 2006 vêm contribuindo como campo de formação de redes entre instituições, técnicos, pesquisadores, historiadores, colecionadores, jornalistas e colaboradores, fundamentando ricas discussões acerca de políticas públicas voltadas ao cinema e educação nacional, destacando-se os desdobramentos na elaboração de ações e reflexões a respeito da Lei 13006/2014, que torna obrigatória a exibição de duas horas mensais de cinema nacional nas escolas de educação básica. (FRESQUET *et* MIGLIORIN, 2015, p. 137)

A 10ª edição da CINEOP, teve como estrutura de programação três temáticas: Preservação, História e Educação. Cabe ressaltar que a programação é oferecida gratuitamente ao público, promovendo a exibição de mais de 100 filmes em pré-estreias e retrospectivas, oficinas, debates, seminário, exposições, lançamentos de livros e atrações artísticas. Dentre os filmes exibidos, a Escola de Cinema Adèle Sigaud contou com 4 filmes selecionados para exibição "Mostra - Curtas na Praça" ¹⁰.

A CINEOP representa papel de grande importância para o desenvolvimento deste estudo, sendo o espaço de exibição dos filmes produzidos pelos estudantes do IBC. Proposta marcada pelo pioneirismo de exibição das obras artísticas destes estudantes fora do contexto escolar e também fora da cidade do Rio de Janeiro. Destaca-se ainda o caráter de transgressão dos estudantes de baixa visão ao ocuparem um espaço que historicamente lhes fora negligenciado: o do cinema.

2.4 Aspectos Teórico-Metodológicos da Pesquisa: Construção de um Abecedário Sobre Visibilidades

Ao nos depararmos com a definição do termo *visibilidade*, o dicionário Michaelis (2017) o descreve como (1) Atributo ou condição do que é visível, visualidade; (2) Capacidade de perceber pelo sentido da visão. A condição de visibilidade da qual pretendemos problematizar está relacionada à primeira definição trazida. Partiremos, portanto, da possibilidade de que estudantes de baixa visão se sintam vistos, reconhecidos, por suas criações através do Cinema.

Ao articularmos o surgimento do cinema, que em seus primórdios era mudo (RESENDE *et* FRESQUET, 2013), aos sujeitos desta pesquisa, estudantes de baixa visão, percebemos um campo de tensões quanto à experimentação do cinema por parte deste público, seja na apreciação ou na realização. Tal situação pode ser evidenciada tomando como base nossa primeira experiência na Escola de Cinema Adèle Sigaud, onde, em nossa atividade inaugural, a simples pergunta - "quem da turma já tinha ido ao cinema?" - provocou silêncio imediato em toda o grupo. Nunca ter ido ao cinema, mas desejar fazer cinema, nos causou, sem dúvidas, enorme inquietação. Por que os cegos desejavam fazer cinema, afinal?

Inicialmente, tomados pela questão supracitada, realizamos a observação das

¹⁰ Os filmes selecionados: *Correndo com as diferenças*; *Em saia*; *Ensaio sobre a chuva*; *Tá perdida*.
Imagens do catálogo nos anexos.

demais atividades ao decorrer das projeto de extensão. Buscamos, durante a prática, estratégias para contribuir que os estudantes cegos e de baixa visão pudessem, ao assistir e fazer filmes, "constituir de seus próprios gostos e de seus próprios critérios em matéria de julgamento estético" (BERGALA, 2008, p. 74). Para tal, foram apresentados repertórios fílmicos nacionais variados, em conformidade com a Lei 13.006/2014, de modo a possibilitar a vivência de experiências próprias por parte deste público.

O desenvolvimento de atividades na Escola de Cinema Adèle Sigaud, ainda no interior do IBC, possibilitaram os primeiros indícios de nosso processo de pesquisa. Em consonância ao movimentos de assistir e fazer cinema na escola, a oportunidade de exibição em Ouro Preto trouxe um novo panorama a este estudo, criando condições de também refletir quanto aos impactos e importância de que os estudantes pudessem exibir suas obras fílmicas fora do contexto escolar.

Partimos da pressuposto de que necessitávamos de aspectos metodológicos que estivessem além da mera observação no campo empírico e de nossas próprias conclusões sobre as possíveis "visibilidades" em torno das ações dos/as estudantes da Escola de Cinema Adèle Sigaud. Nossa própria condição de vidência, soava como condição de distanciamento em torno do que para eles representara essa experiência, do que para eles é assistir, fazer e ainda poder exibir seus filmes.

Nossa movimentação, neste sentido, foi de buscar possibilidades de que eles próprios narrassem suas trajetórias sobre possíveis movimentos de criação e emancipação através do cinema. Passamos a acreditar na construção de caminhos, onde através de suas próprias vozes, que as/os estudantes pudessem narrar suas experiências, visões de mundo, e portanto, seus significados do que representa "fazer cinema" para elas/es. Percebemos ainda a necessidade de potencializar as vozes destes sujeitos, para então, buscarmos o que tornou-se significativo para eles durante o processo de realização de seus filmes e também de sua exibição fora do circuito escolar. Neste sentido, acreditamos que a essência desta pesquisa esteja numa Pedagogia que valorize as expressividades e voz ativa dos sujeitos como parceiros dos processos de criação desta pesquisa, num processo de colaboração e constante intercâmbio conosco.

Para a construção deste *Abecedário*, inicialmente tomaremos como referencial teórico a Pedagogia do Oprimido como forma de legitimar uma Pedagogia forjada com eles e não para eles (FREIRE, 1987). Articularemos nosso processo de pesquisa aos ensinamentos do cineasta e educador Alain Bergala, em torno da Pedagogia da Criação. Tal dimensão possibilita compreender nosso processo de pesquisa e a construção do

Abecedário como possibilidade de conceber três gestos de pensamento imprescindíveis ao gesto de criação que emergem através do "fazer Cinema": a Eleição, Disposição e Ataque (BERGALA, 2008, p.128).

2.5 Eleição, Disposição e Ataque: Criando Caminhos de Pesquisa

As observações e ações extensionista do CINEAD, nos deram indícios de inúmeras possibilidades de escolha acerca do que pesquisar. As especificidades do público cego e de baixa visão nos permitiam vislumbrar uma infinidade de caminhos para relacionarmos Cinema e Cegueira, perspectiva esta que se ampliou ao identificarmos a ausência de publicações conectadas à temática durante a realização do levantamento bibliográfico. Neste sentido traçamos um paralelo da construção desta pesquisa à Pedagogia da Criação, onde Bergala enfatiza:

Trata-se de fazer um esforço de lógica e de imaginação para retroceder no processo de criação até o momento em que o cineasta tomou suas decisões, em que as escolhas ainda estavam abertas. É uma postura que exige treinamento quando se quer entrar no processo criativo para tentar compreender, não como a escolha realizada funcionou no filme, mas como se apresentou em meio a muitos outros possíveis. Na criação cinematográfica, a todo momento se é confrontado com muitas escolhas, e a decisão é o momento preciso em que, em meio a todos esses possíveis, uma escolha definitiva é inscrita sobre um suporte: tela do pintor, página em branco, película ou faixa digital. (BERGALA, 2008, p.130)

Embora o autor enfatize o processo de criação através do cinema, sua abordagem perpassa o ato de criação em diversas instâncias. Neste momento, ao refletirmos quanto ao início desta escrita, as páginas em branco e uma série tomadas de decisões quanto ao que escrever e/ou sobre o que escrever, nos aparentam surtir maior efeito. O próprio processo de pesquisa no Instituto Benjamin Constant assume esta possibilidade de experimentarmos a escolha por estes caminhos em "aberto", estando nossa trajetória de pesquisa confrontada com diversas possibilidades de decisão. Portanto, faz-se necessário retrocedermos a algumas situações experimentadas neste espaço (e também fora dele), afim de apontar alguns de nossos caminhos.

É importante narrarmos uma das experiências na Escola de Cinema Adèle Sigaud, que resultam na decisão dos caminhos percorridos neste estudo. Durante o período de aproximadamente uma semana, tivemos a oportunidade de conviver com

dois jovens de baixa visão que foram exibir seus filmes, produzidos na escola. Esta experiência representou a oportunidade de expandirmos nossos laços de amizade e vivenciarmos juntos alguns desafios do cotidiano destes jovens. Compreendemos, a partir desta experiência, que através possibilidade de estabelecermos um diálogo aberto, a partir da igualdade de inteligências, teríamos a representação de uma possibilidade de potencializar suas vozes e a expressão de seus desejos de se sentirem "vistos".

Desta maneira, nosso percurso metodológico aposta na potencialização da expressividade, a voz ativa destes sujeitos de pesquisa, enxergando-os como realizadores/criadores. Estes indícios nos fizeram optar pelo desenvolvimento de um dispositivo/ instrumento que privilegiasse suas formas particulares de enxergar o mundo. Optamos, portanto, pela construção de um *Abecedário* coletivo, realizado em conjunto com os próprios estudantes da Escola de Cinema Adèle Sigaud.

As etapas de construção desta pesquisa pressupõe a cada ação, os três gestos de criação retratados por Bergala (2008, p.134): *eleição, disposição e ataque*. Bergala ao retratar esses componentes fundamentais do gesto de criação cinematográfica no cinema, nos dá pistas de que estes movimentos possam ser realizados em diversas possibilidades de criação, onde sempre há uma série de escolhas a se realizar, contidas numa infinidade de possibilidades disponíveis. Bergala, ao focalizar sua obra em torno dos fazeres cinematográficos, aponta que essas "três operações mentais não correspondem a momentos específicos nem cronológicos da série, mas se combinam a cada momento" (*Ibidem*, 2008). Ainda segundo o autor, ao se fazer um filme, o diretor realiza escolhas. Durante o processo, são eleitos um tema, atores, locações etc. No processo de montagem, elegem-se as tomadas. Na mixagem, sons isolados, ambientes sonoros. (*Ibidem*, 2008) O segundo gesto cinematográfico sugerido por Bergala é o de dispor. Segundo o autor, consiste na ordem que damos aos elementos escolhidos com o propósito de criação cinematográfica. Este gesto pode ser relacionado com a capacidade de estabelecer relações entre os elementos, criando elos entre eles. Na montagem, Bergala aponta o que chama de "determinar a ordem relativa dos planos" (*Ibidem*, 2008, p.135). O terceiro gesto é o ataque. Ao se definir os elementos do filme e em que disposição isso aparecerá no enquadramento da câmera, o cineasta filma a cena. O posicionamento da câmera em relação aos elementos escolhidos, o que de fato aparece ao enquadrarmos, a forma como são enquadrados, por exemplo. Na montagem, é apontado como a decisão dos cortes de entrada e saída em relação aos elementos escolhidos e dispostos no plano. (*Ibidem*, 2008) O ataque pode ser percebido como o

momento de materialização entre as escolhas e as disposições dos elementos a serem filmados. Ainda segundo Bergala (2008), estes gestos são indissociáveis, enquanto há eleição, há disposição e também ataque.

Em nosso processo, acreditamos que estes três movimentos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento deste estudo. Enfatizamos, que até o momento já apresentamos uma série de escolhas realizadas, seja pelo tema das visibilidades das ações discentes, pelo recorte ao nos debruçarmos em torno de estudantes de baixa visão, ao focalizarmos nosso esforço de pesquisa em torno dos dois estudantes que estiveram na CINEOP, das relações entre assistir, fazer e exibir filmes, ao optarmos por determinado referencial teórico, pela opção de desenvolvermos o *Abecedário*. Estes exemplos, representam a importância do processo de *eleição* para além da criação cinematográfica. Agora se faz necessário apontarmos os desdobramentos quanto a *disposição* destes elementos e o conseqüente *ataque*.

Embora o estudo concentre-se em torno dos dois estudantes que participaram da experiência em Ouro Preto, nossa abordagem tem como objetivo perpassar aos demais estudantes da Escola de Cinema, que nos encorajaram a percorrer uma trajetória de pesquisa que buscasse potencializar suas formas particulares de narrar seus próprios percursos, ora como espectadores, ora como realizadores de cinema. Esta possibilidade tomou mais força através das palavras de Fresquet (2013), que na introdução de seu livro *Cinema e Educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*, nos encoraja a "inventar nossos próprios caminhos", tido como gesto de emancipação no cenário da educação (FRESQUET, p.17, 2013). Dito isto, acreditamos que a metodologia para a realização desta pesquisa desdobra-se enquanto gesto de criação, e por quê não como possibilidade de inventarmos novos caminhos? Propomos, neste sentido, a construção de um *Abecedário* coletivo, que envolto aos processos de criação apontados na obra de Bergala, serão realizados em colaboração com o grupo de estudantes de baixa visão da Escola de Cinema Adèle Sigaud.

2.6 Mas afinal, o que é um Abecedário?

O dicionário *Michaelis* (2017) designa o termo *Abecedário* como "Conjunto de signos especiais utilizados para a expressão de ideias". Em nossa proposta de potencializar as vozes destes sujeitos, e sobretudo, ao nos defrontarmos com algumas condições da qual biologicamente não possuímos, a de cegueira e baixa visão,

buscamos condições de que os estudantes construam e constituam seus próprios significados em torno de suas experiências cinematográficas no IBC.

Inspirado no *Abecedário* realizado com Gilles Deleuze, filmado nos anos de 1988 e 1989, o qual possibilita que o autor discorra livremente sobre palavras propostas com a inicial correspondente, o CINEAD têm percebido na criação de *Abecedários*, uma série de possibilidades de ampliação da divulgação científica dos conhecimentos trazidos por importantes nomes que transitam no campo acadêmico e cultural. Neste sentido, o CINEAD vem realizando alguns *Abecedários* com grandes personalidades como: Alain Bergala (2013), Hernani Heffner (2014), Ignacio Agüero (2015) Alícia Vega (2016), Ana Mae Barbosa (2016) e Jorge Larrosa (2017).

Ao nos influenciarmos pela proposta de ampliação de repertórios que a construção destes *Abecedários* têm possibilitado, temos percebido que pouco a pouco esta prática vai se constituindo como possibilidade ímpar de diálogo entre criação artística e científica. Buscamos através destes indícios construir alguns caminhos para o desenvolvimento de um *Abecedário* com as experiências dos estudantes de baixa visão. Nossas *escolhas*, as formas de *dispor* e *atacar* serão descritas como forma de organizar o desenvolvimento teórico-metodológico deste, realizado através de duas etapas interdependentes, descritas a seguir:

2.7 As Etapas Para A Criação do Abecedário das (In)Visibilidades

Na primeira etapa *escolhemos* filmar depoimentos de cinco estudantes da Escola de Cinema Adèle Sigaud. A opção por estas/es estudantes se deu pelo fato de serem o público de baixa visão que atualmente participam das atividades do CINEAD. Estes relatos foram filmados em diferentes espaços do próprio IBC e sua temática gira em torno da "importância da Escola de Cinema Adèle Sigaud pra eles/as".

O objetivo foi que os estudantes pudessem narrar livremente algumas de suas experiências e expectativas em torno do assistir e fazer cinema na escola. Através desta filmagem, realizamos a montagem de fragmentos de fala dos/as estudantes, gerando um documentário que intitulamos *Se liga visão*. Através deste filme, observamos a fala dos/as participantes do projeto, acerca de suas experiências ao assistir e fazer cinema dentro da escola. Notamos que suas falas concentravam-se numa espécie de desejo de expressividade em torno de suas ações através da prática cinematográfica.

Esta movimentação, possibilitou uma nova escolha. Desta vez por alguns verbetes relacionados a possíveis visibilidades de suas ações ao decorrer das atividades

cinematográficas realizadas no âmbito escolar.

No segundo momento, trouxemos os verbetes previamente selecionados através deste documentário, para que os dois estudantes que participaram da 10ª CINEOP pudessem consensualmente escolher o que mais lhes trazia sentido ao relacionarmos com a ideia de visibilidade. Os estudantes puderam refletir previamente acerca dos verbetes propostos para a criação do Abecedário. Nosso objetivo neste momento partiu da possibilidade de que estes dois estudantes, que além de assistir e produzir filmes na escola, tiveram a oportunidade de exibir suas obras em Ouro Preto, narrassem suas experiências em torno da prática cinematográfica,

Este desdobramento caracteriza o desenvolvimento de um Abecedário que articule as narrativas dos participantes do projeto. Possibilita, portanto, o desenvolvimento de um repertório de verbetes originados através das práticas cinematográficas no interior da Escola de Cinema Adèle Sigaud e posterior significação por parte dos estudantes que tiveram a experiência de exibição dos filmes, em Ouro Preto. Esperamos que através destes percursos possamos explicitar possíveis Visibilidades em torno da realização cinematográfica pelo público de baixa visão.

2.7.1 Primeira Etapa

Inicialmente, realizamos a filmagem de depoimentos de cinco participantes da Escola de Cinema Adèle Sigaud. Nosso objetivo neste momento, foi explorar diferentes afetos quanto ao projeto de Cinema. Posteriormente, ao analisamos suas falas, casualmente identificamos possíveis relações quanto a necessidade de expressão dos/das às visibilidades de suas ações. Este primeiro momento teve como intencionalidade a exposição das narrativas de cinco participantes de baixa visão do projeto, acerca da importância de assistir e fazer cinema na escola. A seleção destes/as estudantes se deu pelo fato de suas condições de baixa visão, de modo a valorizar o processo de escuta em sua amplitude. Participaram desta etapa estudantes entre 7 e 12 anos de idade, conforme tabela a seguir:

TABELA 1 - PARTICIPANTES

NOME	IDADE
ANA BEATRIZ	9 ANOS
TATIANA CRUZ	10 ANOS
JOSÉ CARLOS	12 ANOS
NICOLE CLAUDINO	7 ANOS
BRUNO JORGE	9 ANOS

Para isso, utilizamos o próprio equipamento disponível para a realização das experiências cinematográficas na Adèle Sigaud, isto é, uma câmera *handycam Sony HDR-CX560* e um tripé. Embora esta filmagem não tenha seguido um roteiro previamente definido, buscamos considerar aspectos relacionados à(s) memória(s) de alguma(s) produção(ões) e filme(s) que lhes tenha(m) trazido maior interesse, o que consideram importante ao fazer e assistir filmes na escola, suas opiniões acerca do que aprenderam fazendo e assistindo cinema na escola, seus sentimentos e impressões quanto a possibilidade de exibirem seus filmes no Cinema e noutros espaços fora da escola.

Através de suas falas, percebemos o desejo destes/as estudantes de se sentirem "vistos", isto é, reconhecidos por suas produções artísticas, situação esta que desencadeou uma série de mudanças neste estudo. É importante ressaltar que a abordagem inicial que buscávamos girava em torno de possíveis protagonismos das ações discentes, perspectiva que mais se encaixa com uma concepção mercadológica em torno da educação e dos próprios fazeres cinematográficos. Os estudantes entrevistados aparentavam o desejo de reconhecimento sem maiores preocupações com a grande mídia. A emergência deste novo norte, impulsionou uma abordagem diferente em torno dos caminhos de pesquisa.

Em seguida realizamos o processo de montagem destes relatos, através do *software Adobe Première Pro CC 2015*, onde novamente pudemos *escolher, dispor e atacar* a partir dos planos obtidos com as filmagens.

Este processo originou um documentário, o qual denominamos *Se Liga na*

*Visão*¹¹. Através deste filme, elencamos alguns verbetes relacionados à Pedagogia da Criação (BEGALA, 2008) e que possivelmente implicam no processo de visibilidade das ações dos estudantes de baixa visão do Instituto Benjamin Constant.

A seleção dos verbetes ocorreu após posterior leitura da definição dos termos através do dicionário *Michaelis* (2017). Buscamos identificar através destas definições alguns termos que apresentassem maior compatibilidade com a temática das visibilidades das ações discentes, relacionando-as aos estudos no contexto da cegueira e do cinema. Através desta estratégia, buscamos traçar um panorama com alguns verbetes, dos quais utilizaremos para prosseguir na criação do *Abecedário*.

TABELA 2 - VERBETES SELECIONADOS

A	C	D	E	F	I	S
APARECER	CONHECER	DESENVOLVER	EMOÇÃO	FILMAR	IDEIA	SABER
APRENDER	CONCENTRAR	-	ENQUADRAR	FAZER	-	-
AVENTURAS	-	-	ESFORÇO	-	-	-
-	-	-	EXIBIR	-	-	-

2.7.2 A Segunda Etapa

No segundo momento apresentamos os verbetes supracitados aos estudantes que participaram da 10ª CINEOP exibindo seus filmes criados na escola. O objetivo foi explorar suas narrativas enquanto espectadores e realizadores/criadores dos filmes. Esta movimentação desencadeou a possibilidade de que estes estudantes escolhessem os verbetes para a criação do *Abecedário*.

Realizamos o registro através de filmagens, com o mesmo equipamento utilizado anteriormente, sendo acrescido o gravador de som digital *Zoom h4n Handy Recorder*. Este momento foi marcado pela exposição destes verbetes e realização das filmagens nos espaços do IBC.

Nosso objetivo neste momento foi conhecer as narrativas trazidas por estes dois estudantes de baixa visão que vivenciaram a experiência na 10ª CINEOP.

A escolha dos verbetes partiu dos próprios jovens, tomando como base os verbetes originados no documentário *Se liga na visão*. A sugestão foi que para cada letra do alfabeto apresentada, os estudantes escolhessem algum verbo apresentado ou

¹¹ Disponível em: <https://youtu.be/F6Tk2MV2GiI>

ainda que sugerissem algum novo. A escolha ocorreu de maneira consensual entre os dois estudantes. Abaixo, destacamos os verbetes escolhidos por eles:

TABELA 3 - VERBETES ESCOLHIDOS PARA O ABECEDÁRIO

A	C	D	E	F	I	S
APARECER	CONCENTRAR	DESENVOLVER	ESFORÇO	FILMAR	IDEIA	SABER

Realizamos a filmagem dos relatos dos dois estudantes em momentos distintos, realizando posterior montagem, novamente através do *Software Adobe Première Pro CC 2015*. Organizamos a fala dos estudantes a partir de cada verbete especificado no quadro acima. Esta produção desencadeou um segundo filme, o qual nomeamos por *Abecedário das (In)Visibilidades*¹².

A próxima etapa deste estudo parte destes verbetes como categorias de análise, onde buscamos relacionar as falas destes dois estudantes, acerca de suas experiências cinematográficas, em diálogo com o referencial teórico que norteia as reflexões em torno deste estudo.

¹² Disponível em <https://youtu.be/3QglmMgkL9Q>

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS

Cada um pode dizer, por exemplo, como viveu a travessia do filme. E, a partir disso, podemos perguntar aos alunos como foi para eles a travessia do filme. E a partir daí, podemos começar a fazer pontes, a analisar. E pouco a pouco, chegar às ideias. (Abecedário com Alain Bergala- Letra E de Experiência)

Neste capítulo, buscamos articular os aspectos teóricos aos relatos gerados através das falas dos dois estudantes que foram a Ouro Preto e exibiram suas produções. A "travessia" aqui em questão, está relacionada às experiências destes dois jovens durante as atividades na Escola de Cinema Adèle Sigaud, dentro e também fora da escola. Conforme a tabela 2, destacamos os verbetes selecionados pelos próprios participantes para a realização do *Abecedário das (In)Visibilidades*, os quais organizamos na sequência como categorias de análise.

Traremos uma breve epígrafe com a definição de cada verbete no dicionário *Michaelis* (2017), apresentando em seguida a transcrição das falas de cada um dos dois estudantes no *Abecedário*. Buscamos articular as falas dos jovens Yuri e Sérgio, chamados pela letra inicial durante o *Abecedário* apresentado a seguir. Nele, traçamos um paralelo com as/os autoras/es trabalhadas/os ao decorrer do processo de pesquisa, tomando como base a questão das visibilidades.

APARECER

(1) Tonar-se visível; apresentar-se, mostrar-se. (2) Revelar-se ou tornar-se subitamente visível (o que estava oculto ou perdido). (3) Comparecer ou apresentar-se em algum lugar. (4) Tornar-se realidade, ocorrer, surgir. (Dicionário Michaelis)

SÉRGIO (S)

"Aparecer pra mim é se mostrar pro mundo/ É ser um pouco exibido/ Mas o aparecer no nosso caso do cinema era querer se destacar mais do que os demais."

YURI (Y)

"Pra mim esse aparecer significa isso, você estar ali e fazer. Você aparecer no colégio, você aparecer numa peça, não é a mesma coisa de você aparecer apresentando um filme que você mesmo, junto de algumas pessoas você gravou, você fez/ Você se demonstrar capaz daquilo."

Sérgio dimensiona o verbete APARECER à condição de se mostrar ao mundo, exhibir-se e desta maneira buscar uma posição de destaque. Enquanto Yuri, associa o verbete a condição mais direta de realização, traçando alguns paralelos com outras propostas artísticas que possivelmente vivenciou ao decorrer das atividades na escola. Sérgio e Yuri, através dos respectivos fragmentos de fala: "Aparecer pra mim é se mostrar pro mundo" e "Você aparecer no colégio, você aparecer numa peça, não é a mesma coisa de você aparecer apresentando um filme que você mesmo, junto de algumas pessoas você gravou, você fez.", aparentemente, se posicionam quanto a importância de demonstrar sua capacidade de realização para além dos espaços escolares, isto é, para além de seus pares, estudantes com cegueira e baixa visão. Neste sentido, Pereira e Costa (2009) trazem algumas reflexões:

O fato de muitas pessoas que enxergam não conceberem a vida sem a sua visão leva-as a pensar que toda a capacidade de quem não vê estaria em seus olhos. Portanto, a capacidade de quem não vê fica limitada pelas suposições daqueles que tem visão normal. (PEREIRA *et* COSTA, 2009, p.91)

Esta perspectiva nos faz problematizar o APARECER para o público com baixa visão, como situação relacionado às suposições de quem possui visão normal. Nossa hipótese frente a esta colocação, é de que o gesto de criação cinematográfico e a exibição de suas obras fora do circuito escolar, tenham representado uma possibilidade de transgressão destas barreiras culturalmente criadas na dicotomia ver x não ver, por parte dos estudantes participantes do projeto.

CONCENTRAR

Fixar (atenção, energia, esforços etc.) para atingir um objetivo. (Dicionário Michaelis)

Y)

"No momento da gravação cada um tem seu papel, então esse concentrar, é você tá atento ao seu momento. Ao momento de você entrar, de interagir ali. Focar naquilo que você tá fazendo ali."

S)

"É um dos focos determinantes que têm, né? Porque sem concentração não se chega a lugar nenhum."

Ambos retratam o verbete CONCENTRAR como foco para alguma situação que esteja sendo realizada, aparentando grande preocupação para a atenção a si. Neste sentido, Kastrup (2012) em seus estudos da psicologia cognitiva, problematiza a questão da atenção na experiência estética com pessoas cegas. Neste ensaio a autora aborda especificamente pessoas com cegueira adquirida, público que possui uma série de especificidades se comparado à cegueira congênita e/ou ainda pessoas que apresentem baixa visão. Embora haja uma série de especificidades em torno destes públicos, acreditamos que seus estudos acerca da atenção, tornam-se abrangentes numa reflexão direta a estudantes de baixa visão. Para a autora, uma experiência estética pode ser definida através de algumas qualidades:

tratar-se sempre de uma experiência marcante, que não se dissipa e que não é facilmente esquecida"; "ser uma experiência que possui uma unidade, onde as partes constituintes são reunidas sem emendas ou vazios. Ainda que composta por partes sucessivas, estas são reunidas numa síntese"; "tal unidade inclui de modo indistinto as dimensões emocional, prática e intelectual, que só a posteriori podem ser separadas. A dimensão emocional responde pelo caráter de totalidade da experiência, sendo própria da dimensão prática a conexão do corpo com o mundo a sua volta e da dimensão intelectual dar finalmente seu significado." (KASTRUP, 2010, p.39)

Quanto a atenção na experiência estética, são apontados dois lados: "um em que a atenção está voltada ao exterior, e outro em que a atenção está voltada para o interior, numa espécie de atenção a si" (*Ibidem*, 2012, p.24).

Yuri ao ressaltar a necessidade de buscar atenção a si, em relação às interações e ao que está sendo realizado ao fazer cinema; e Sérgio, que em sua fala dimensiona que "sem a concentração não se chega a lugar nenhum", nos trazem indícios de que o CONCENTRAR para estes estudantes muitas vezes está diretamente relacionado às próprias ações e objetivos de seu cotidiano. A atenção, portanto, aparenta estar interiorizada em si, em torno das próprias ações práticas. Kastrup (2012, p. 24), ao retratar a atenção na perspectiva da cegueira, dimensiona estes gestos como atenção funcional, a qual prevalece na realização de tarefas e na solução de problemas da vida prática. As maneiras de atenção deste público, portanto, muitas vezes estão centradas em situações corriqueiras da vida prática, como atravessar a rua, por exemplo.

Através do verbete CONCENTRAR, a fala dos estudantes sugere uma série de reflexões quanto aos desafios da atenção no contexto da baixa visão. Um dos desafios encontrados no contexto deste estudo está em torno de criar condições que possibilitem ao público com baixa visão "aprender e cultivar gestos atencionais voltados à experiência estética" (*Ibidem*, 2012, p. 24).

DESENVOLVER

(1) Tirar do invólucro, descobrir o que estava envolvido ou coberto; desembulhar. (2) Expandir(-se), aperfeiçoar(-se) no aspecto moral, intelectual, psicológico, espiritual etc.

Y)

"Depois que comecei o projeto, e tive a experiência de estar em Ouro preto, na cidade e tudo o mais... Tive a capacidade de desenvolver a interação (sic) entre eu e as pessoas ao meu redor./ Dentro do Instituto a interação foi de um jeito, porque já conhecíamos o Instituto e os professores. Mas eu Ouro Preto agente saiu da nossa zona de conforto."

S)

"Desenvolver algo que não planeja para apresentar na hora."

Quanto ao verbete DESENVOLVER, os estudantes ressaltam novas experiências em torno de situações até então não haviam vivenciado. Yuri enfatiza as novas relações que pôde experimentar ao decorrer da semana na CINEOP, onde

interagiu com outras pessoas, num espaço diferente do conhecido (e naturalizado) no IBC, atribuindo a importância de "sair da zona de conforto". Sérgio, em sua fala, atribui grande importância ao momento onde apresentaram ao público presente em Ouro Preto uma breve trajetória dos processos de criação dos filmes realizados nos espaços escolares. Neste sentido, a fala dos estudantes aparenta estar compatível com a dimensão trazida por LAPLANE e BATISTA (2008) em seus estudos acerca do desenvolvimento e aprendizagem de crianças com deficiência visual:

Na ideia de que o homem é um ser social está embutida a de que o homem se desenvolve na sociedade e na cultura, por meio de uma ferramenta especialmente desenvolvida para isso, isto é, o homem é um ser capaz de aprender com o outro por meio da linguagem que organiza e dá sentido à experiência humana compartilhada. Dessa ideia decorre a de que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem no espaço privilegiado constituído pelas relações sociais, no espaço em que os seres humanos interagem entre si e com os objetos do mundo. (LAPLANE et BATISTA, 2008, p. 211)

Ao retratarem a experiência de estar na cidade Ouro Preto, as diferentes formas de interação nos espaços e o espaço de fala a eles concedido, os estudantes possibilitam algumas reflexões quanto a importância de estabelecerem diferentes relações, em diferentes espaços, como possibilidade de legitimarem-se como "visíveis".

As possibilidades de interação e de representar a instituição, falando sem um discurso previamente preparado foram alguns dos fatores apontados pelos próprios jovens ao decorrer do *Abecedário*. O caráter de desenvolvimento por eles expressados, caminham num sentido de valorização das expressões sociais e da importância de transitarem por espaços para além do próprio instituto. Conhecer novos ambientes e pessoas são situações que aparentam fortalecer sua autopercepção em relação às suas próprias capacidades de desenvolvimento.

ESFORÇO

(1) Intenso emprego de forças e energias (física, moral, intelectual etc.) para dar conta de um determinado empreendimento, satisfazer um desejo, realizar um sonho ou ideal, cumprir um dever. (2) Atenção cuidadosa, aplicação no desempenho de uma tarefa; diligência, dedicação, zelo.

Y)

"Fazer um filme você tem de ter bastante esforço. Pelo fato de você tá ali e você tá... você quer fazer aquilo. Então se você não se empenhar e não tiver força de vontade pra seguir em frente com aquilo, "não rola". É uma equipe, então se toda a equipe tiver se esforçando, mas não tiver seu esforço junto da equipe, aquilo não vai pra frente."

S)

"Você vê o que era difícil se torna fácil. Então, esforço pra mim principalmente na parte do cinema é não desistir do que nos atrapalha. Continuar a luta que um dia vai sair tudo certo, que com esforço as coisas vão ser superadas."

Yuri relaciona o verbete esforço aos processos de criação coletivos, valorizando a ideia de formação de equipe como critério imprescindível para o sucesso do filme. Enquanto Sérgio percebe no processo de fazer os filmes uma forma de superação de obstáculos, através da persistência e crença na possibilidade de realização.

A fala dos jovens abordam, respectivamente, o desejo de realização e superação de "algo que os atrapalhe". Fazer cinema, para esses estudantes vem aparentando ser uma possibilidade de transgressão em relação à suas próprias maneiras de se autoperceberem em nossa sociedade, que cada vez mais é impregnada de imagens. Situação esta, é caracterizada por Kastrup (2010, p.41) como o "mundo cujo paradigma é visuocêntrico".

Os estudantes ao realizarem seus filmes e apresentarem numa mostra de cinema, apresentam algumas possibilidades para romper com uma perspectiva de cegueira descrita apenas em sua dimensão de falta, de déficit. (*Ibidem*, 2010, p.41)

FILMAR

(1) Fazer um filme; registrar em filme uma imagem, cinematografar, gravar, rodar.

S)

"Eu achei sensacional filmagem, porque eu nunca tinha segurado uma câmera antes pra fazer uma filmagem. O jeito de se posicionar a câmera e que não fique tremendo muito."

Y)

"Aqui na escola, agente filmou bastante. Acompanhou edição de filmes, preparou junto aos professores o filme. Então, esse filmar é no caso você junto a equipe ao redor, preparar aquilo ali. Você faz sabendo que aquilo ali é como se fosse você. Você e aquela equipe se apresentando aos outros."

Sérgio mais uma vez ressalta as possibilidades de transgressão ao se posicionar como criador, apontando a iniciativa realizada através do CINEAD como primeira possibilidade de manusear um equipamento de filmagem. Em sua fala ele traz uma de suas experiências em torno do manuseio do equipamento durante a passagem ao ato cinematográfico. Neste sentido, Faria (2011, p.76) em seus estudos acerca dos diálogo entre cinema e educação, argumenta que a prática cinematográfica no contexto de sua pesquisa vem possibilitando que:

O fazer expressivo fundamentado desvelou uma experiência capaz de exercitar a autonomia, o poder de argumentação, o senso crítico e o discernimento, não somente nos aspectos estéticos como em outros mais abrangentes como o domínio dos signos da linguagem cinematográfica.

Yuri também aponta algumas de suas experiências do fazer cinema no âmbito escolar, enfatizando novamente a importância do processo de construção coletiva e do trabalho em equipe para a realização dos filmes. Através da fala de Yuri, destacamos ainda a importância ao momento da exibição de seus filmes, ressaltando-o como possibilidade de que ele e outros estudantes de baixa visão puderam se apresentar aos "outros".

IDEIA

(1) Objeto imediato do pensamento, conceito ou noção que temos sobre algo, que pode ser concreto ou abstrato. (2) Representação mental decorrente de um processo de abstração e percebido pelos sentidos.

Y)

"De primeira não vem ideia nenhuma, normal. Depois junto ao grupo conversando, sua mente vai abrindo e vão surgindo várias ideias./ Um exemplo do grupo que eu estava, foi um teste que agente fez, "teste da chuva". Cada um escolheu uma coisa, no caso fomos conversando. De inicio

não aparecia ideia nenhuma, mas daqui a pouco, como um estalo, começou a surgir várias ideias. Tanto que alguns gravaram do vidro do carro, eu mesmo gravei a chuva numa folha de papel, outros nas plantas. Com isso vão aparecendo várias outras ideias./ Uma ideia que se tenha desencadeia várias outras. Então não adianta ficar se prendendo, se você não tem o que te dá inspiração pra criar uma ideia, pra fazer um filme. Seja um minuto Lumière ou algo do tipo. Sem inspiração não tem filme, se não tem inspiração não tem ideia, se não tem ideia não tem filme."

S)

"Foram várias ideias criadas pela gente na montagem do filme/ Era um dando uma ideia maluca, outro dando outra ideia maluca..."

Yuri ao trazer suas experiências em torno do verbete IDEIA novamente ressalta a importância de trabalhar coletivamente, como possibilidades de ampliar a inspiração para a criação de filmes. Yuri exemplifica este processo trazendo alguns exemplos vivenciados ao decorrer das atividades do CINEAD. No caso, algumas aulas anteriores tinham assistido uns 13 minutos Lumière e também, como nesse ano, na pesquisa o grupo estava estudando a potência do gesto criativo de Abbas Kiarostami, Adriana Fresquet havia contado para eles, acerca de um grupo de fotografias do cineasta iraniano em que ele fotografa caminhos e árvores em dias de chuva desde dentro do carro, fazendo com que as imagens aparecessem com os contornos distorcidos através do vidro molhado. Isto foi apenas uma fala, que entrara na aula como exemplo de possibilidades, não foi um exemplo no qual tivesse se investido um tempo ou levado o recurso específico para entrar como processo de criação a partir das visualidades (e escuta) de fragmentos. Porém essas imagens ocuparam fortemente a memória de dois estudantes, um deles Yuri. Neste sentido, Fresquet (2008) enfatiza de que os estudantes alunos da arte cinematográfica, tenham a possibilidade de se aproximar de alguns valores que lhes são próprios, isto é:

trabalho em equipe, constância, capacidade de espera, imaginação e sensibilidade. Quando realizam os filmes, os alunos devem elaborar um roteiro, planejar a filmagem, assumir tarefas, transmitir e comunicar idéias, escutar e dialogar com os outros.

Sérgio, assim como Yuri, enfatizam o conjunto de ideias compartilhadas coletivamente pelo grupo, previamente a passagem ao ato, isto é, o exercício de

filmagem de Minutos Lumière, denominado "Ensaio sobre a chuva". Embora tenha havido uma série de troca de ideias previamente, cabe ressaltar que cada estudante teve a oportunidade de realizar sua própria filmagem nos espaços do IBC, acarretando uma série de experiência das escolhas e decisões do processo de criação cinematográfica por parte dos participantes.

SABER

(1) Ter conhecimento de; conhecer. (2) Ter adquirido determinada capacidade ou habilidade por meio da aprendizagem. (3) Ser capaz de; ter meios para; conseguir.

Y)

"Ali você não sabia onde que era um corte. Depois que você começa a aprender a utilizar a câmera e tudo mais, você começa... "automático". Você vê um filme e começa a contar os cortes. Então esse saber, se fosse pra falar agente ficaria falando aqui a manhã e a tarde toda porque acaba abrangendo várias áreas. Eu não fazia ideia de como funcionava uma câmera. Essas câmeras mais modernas eu não fazia ideia de como utilizar. E com isso fui aprendendo, e com isso fiquei sabendo como utilizava cada coisa, fiquei sabendo a se dispor diante do público, como funciona o cinema."

S)

"Nunca tinha feito uma gravação antes, falado em público. Então o cinema me ensinou muito as coisas, principalmente o jeito de lidar com as pessoas no cotidiano."

Yuri ao descrever o verbete SABER, posiciona-se inicialmente como espectador, situação esta que o faz enfatizar que através das experiências de fazer cinema na escola, pode criar novas possibilidades para assistir aos filmes, percebendo, através de um gesto sensível, algumas características marcadas pelo processo de montagem dos filmes. Ainda segundo Yuri, os saberes através do cinema abrangem diversas áreas do conhecimento. Esta perspectiva, dialoga com as apontamentos trazidos por Andrade (2009, p.61-62); Fresquet (2015, p.210), ambas crêem no cinema como possibilidade de ampliação de repertórios artísticos e culturais, que produzem conhecimentos, mesmo o cinema não estando voltado primordialmente a ensinar. Yuri ressalta ainda a oportunidade de utilizar o equipamento de filmagem, situação que, em geral representa algo novo aos estudantes cegos e com baixa visão. Ainda segundo ele,

outra possibilidade foi a de experimentar se dispor diante do público, ao apresentar suas produções na CINEOP.

Sérgio ressalta algumas novas experiências adquiridas ao decorrer da realização e exibição de seus filmes, respectivamente, ao exemplificar o momento de realização de suas primeiras filmagens e de sua primeira experiência ao falar em público, respectivamente, nos espaços do Benjamin Constant e Ouro Preto. Ainda segundo Sérgio, o cinema possibilitou uma série de aprendizagens, sobretudo quanto ao relacionamento com as pessoas.

Através das falas dos estudantes, acreditamos que ao realizarem filmes no IBC, puderam vivenciar algumas experiências que ampliaram seus conhecimentos sobre suas próprias possibilidades de atenção e aprendizagem, seja no manuseio dos equipamentos utilizados na escola de cinema, na sensibilidade estética de perceber os movimentos do processo de montagem de filmes e ainda no desenvolvimento de habilidades no âmbito da comunicação interpessoal, ao realizarem uma fala em público na CINEOP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ao se debruçar em torno das particularidades do público de baixa visão, possibilita algumas reflexões iniciais quanto aos processos de criação cinematográfica por parte destes estudantes, além de alguns caminhos por eles adotados como possibilidade de Emancipação Intelectual (RANCIÈRE, 2002) através do cinema.

Ao problematizarmos o assistir, o fazer e o exibir filmes por parte destes estudantes, enfatizamos a Pedagogia da Criação (BERGALA, 2008) como alternativa de que os/as próprios/as estudantes desenvolvessem suas estratégias e de que eles/as próprios/as narrassem sua "travessia" em meio a este percurso. Este processo culminou com a criação dos filmes *Se Liga na Visão* e do *Abecedário das (In)Visibilidades* opções que nos trouxeram alguns indícios para as reflexões que buscamos trazer sobre as visibilidades em torno deste público e de algumas de suas ações. Em nossa análise, procuramos nos debruçar especificamente acerca do segundo filme.

Através das falas trazidas pelos jovens no *Abecedário*, foi possível identificarmos algumas questões sobre as visibilidades vivenciados por estes estudantes ao assistir e realizar cinema dentro da escola e ao exibirem seus filmes na CINEOP. Percebemos, através das leituras realizadas sobre cegueira (adquirida e congênita) e baixa visão e do convívio como *Passeur* na Escola de Cinema Adèle Sigaud. Estas condições expressam uma série de especificidades para o trabalho com estes públicos, que embora apresentem distintas limitações visuais. Ao nos debruçarmos especificamente em relação aos estudantes com baixa visão, pudemos enfatizar algumas de suas estratégias particulares de atenção, sua importância dada ao trabalho em equipe, do manuseio de equipamentos e a importância de vivenciarem novas experiências de interação com distintas pessoas e espaços. Situações estas, por eles descritas ao decorrer deste estudo.

Desde o princípio das atividades no Instituto Benjamin Constant, nos defrontamos com uma espécie de paradoxo da visibilidade de quem não vê (e quase não vê)¹³. Uma escola de cinema num espaço educacional com estudantes que possuam essas características, para além de representar uma proposta inédita, amplia algumas alternativas para que possamos romper com aspectos culturalmente estabelecidos e naturalizados por alguns/mas destes/as jovens e também por muitos de nós, videntes.

¹³ Estudantes considerados com baixa visão

Acreditamos que assistir, fazer e também exibir seus filmes, possibilitaram formas de desmistificar uma cultura enviesada em torno de si: sobretudo, a da dúvida em torno das capacidades daqueles/as que não enxergam. Afinal, passamos a acompanhar jovens realizadores de cinema, que neste movimento de aprender e de ensinar, apareceram, se concentraram, tiveram ideias, se esforçaram para filmar, se desenvolveram, e desta maneira, passaram a utilizar desta linguagem como forma de expressão e de saber mais sobre si e sobre o mundo. Seus dizeres e suas formas de se expressar e enxergar o mundo, denunciam algumas mudanças acerca de sua própria autopercepção nesta travessia cinematográfica.

A passagem ao ato, o fazer cinema dentro da escola, já traz alguns indícios de como essa representatividade é importante a este público. Serem vistos/as transitado pelos espaços da escola, com câmera, tripé e tudo mais em mãos, realizando seus filmes, os "tornam importantes", bem como nos ensinou Tatiana Cruz, de 10 anos. Gestos que num primeiro momento aparentam ser simbólicos a quem veja, representa uma possibilidade ímpar de que estudantes cegos e de baixa visão se posicionem em condição de igualdade. O que dizer daqueles que ultrapassaram não somente os muros do IBC, mas ultrapassaram as fronteiras do RJ, rumo a MG? Ser visto, os faz importantes. Assim, acreditamos.

Ampliando um pouco a fala de Sérgio, percebemos as fortes influências de um mundo interconectado e cheio de informações, onde o gesto da criação e a importância da visibilidade, parece afetar àqueles/as que pouco vêem. Se de fato há alguma necessidade de "ser um pouco exibido", de "se mostrar para o mundo", como ele próprio ressalta ao longo de sua fala em nosso *Abecedário*, sabemos que são características não só de pessoas cegas ou com baixa visão, mas que estão intrínsecas na sociedade que vivemos, cada vez mais conectada através do "paradoxo visuocêntrico" (KASTRUP, 2010) , causado pelo excesso de imagens. Novas formas e formatos de exibir a si próprio são uma realidade que se ampliam no contexto atual. A Internet, cada vez mais movimentada por *selfies* no *Instagram*, mais *selfies* no *Facebook*, canais que mostram realizações pessoais no *Youtube*, são algumas formas de denunciar essa necessidade de "ser visto/a" na contemporaneidade. Tudo isso conectado a dispositivos móveis que captam e enviam imagens quase que instantaneamente. Um novo paradoxo aparenta emergir destas novas formas de se relacionar: entre ver e ser visto.

O gesto de fazer cinema, por si só, representa uma série de transgressões em relação à condição de cegueira, exibir suas próprias obras e poder falar para o público

numa outra cidade tornam-se, ainda que de modo discreto, possibilidades de superar uma barreira culturalmente contruída. Ser visto, é sim ser exibido, "é saber que aquilo ali (filme) é como se fosse você. Você e aquela equipe se apresentando aos outros." E por quê não, pensar a realização nestes movimentos como formas de que estudantes com cegueira e baixa visão se autopercebam no mundo? Esta garotada, aparenta sim, denunciar que participam deste jogo social, se relacionam neste novo paradoxo, desejando e criando formas para que sejam vistos.

Um aspecto interessante, observado através do *Abcedário das (In)visibilidades*, foi o fato, de que os jovens cineastas não falam das imagens que assistiram antes do processo de filmagem. Onde, lhes foram apresentados repertórios fílmicos, através de alguns fragmentos de planos, minutos Lumière e/ou ainda curta-metragens. E de que, as próprias referências destas imagens, estão presentes em suas criações.¹⁴

Outra situação que deve ser ressaltada, gira em torno das condições do própria CINEOP, que para além de conceder um espaço de fala aos próprios jovens, contou com infraestrutura adequada de acessibilidade para a exibição de filmes a este público. Na ocasião, os estudantes puderam assistir à diversos filmes com opção de audiodescrição, recurso imprescindível para a inclusão de pessoas cegas e de baixa visão à espaços artístico-culturais como cinemas, teatros e museus, por exemplo. Ao nos defrontarmos com as nossas próprias aulas no IBC, em algumas oportunidades não contávamos com recursos materiais e técnicos para a realização de exibições de filmes que apresentassem este tipo de recurso. Situação, que possivelmente ampliaria a condição de acesso das obras fílmicas, no contexto escolar e também fora dele. Para além destas condições de infraestrutura física que contávamos durante as aulas, é importante ressaltarmos o baixo número de filmes que disponham de audiodescrição, por exemplo.

Percebemos, através das relações com estes/as estudantes, a necessidade de que sejam ampliadas as condições de acesso e participação a espaços que geralmente lhes são negligenciados. Imprescindíveis ao exercício pleno de sua cidadania, ampliando as possibilidades de diálogo crítico em relação ao mundo, através das artes. Neste sentido, as produções fílmicas, não só no contexto nacional, ainda apresentam algumas barreiras

Apontamos como alguns desdobramentos no viés do cinema, a ampliação de

¹⁴ Os filmes podem ser acessados através do *website* do CINEAD. <http://www.cinead.org/>

repertórios fílmicos com audiodescrição de qualidade, garantindo a exibição a portadores de cegueira e baixa visão o direito assegurado através da Lei 13.006/2014 da exibição de duas horas mensais de filmes nacionais. A necessidade por eles relatadas no *Abecedário* (que pudemos vivenciar ao acompanhá-los em Ouro Preto e que vão muito além do que está no filme e nestes escritos) por conhecer novos espaços, pessoas, formas de interação e sociabilidade, são alguns dos exemplos para justificar a necessidade para que este público seja incentivado e tenha seus direitos garantidos a transitar por diversificados espaços e equipamentos culturais. O próprio cinema ainda possui algumas barreiras em relação à entrada por parte deste público. Existem ainda uma série de dificuldades em relação às especificidades de pessoas cegas e de baixa visão, de modo a garantir o acesso pleno às obras de artes fílmicas.

A Escola de Cinema Adèle Sigaud ao apostar no ensino de cinema a este público, vai além, possibilitando a seu público enxergar diversas possibilidades em torno de suas reais capacidades e diferenças. É uma possibilidade ímpar, para que essa garotada tenha acesso a novos repertórios de conhecimento e outros espaços para além dos muros do Instituto Benjamin Constant.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, V. G. . Os usos das 'imagens em movimento' na escola: o que está presente no currículo?. **Revista Espaço do Currículo** (Online) , 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial**. Brasília: SEESP/MEC, 1994.

BRASIL. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino fundamental: deficiência visual. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2001. v. 1.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD/UFRJ, 2008.

FARIA, Nelson Vieira da Fonseca. **A linguagem cinematográfica na escola**: o processo de produção de filmes na sala de aula como prática pedagógica. 2011. 90 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra – 29ª edição – 1987

FRESQUET, A. (Org.). Aprender com experiências do cinema. Desaprender com imagens da educação. Rio de Janeiro: Booklink; UFRJ, 2009.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Alteridade e Criação, 2).

FRESQUET, Adriana Mabel. Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman. *In*: **31ª Reunião Anual de Anped**, 2008, Caxambu. Anais da 31ª Reunião Anual de Anped, 2008.

FRESQUET, Adriana. Princípios e propostas para uma introdução ao cinema com professores e estudantes: a experiência do CINEAD/UFRJ. *In*: BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SANTOS, Maria Angélica. (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014. cap. 1, p. 68-85.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. 10ª MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, **Uma década de preservação cinema e patrimônio**: catálogo. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/2014. Minas Gerais, 2015. p. 137 - 150.

FRESQUET, Adriana. 10ª MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO (Brasil). **Uma década de preservação cinema e patrimônio**: catálogo. Jogos de filmar, jogos para filmar fragmentos do que o cinema faz na escola e o que a escola faz com o cinema. Minas Gerais, 2015. p. 205 - 210.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: arte e produção de subjetividade. **Trama Interdisciplinar**, v.3, n. 1, 2012, p. 23-33.

KASTRUP, Virginia. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre o acesso de pessoas cegas a museus. **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010.

LAPLANE, Adriana Lia Friszman de; BATISTA, Cecília Guarneiri. Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 28, n. 75, p. 209-227, Aug. 2008

MORAES, Cristina Costa de; MELO, Josiani Saltarelli Martins. Deficientes visuais fazem cinema: experiências de criação a partir de produções cinematográficas infantojuvenis do Projeto Escola de Cinema do Instituto Benjamin Constant. *In*: Organização PASCHOAL, C.L.L [et al.]. **Fazeres cotidiano, dizeres reunidos: uma coletânea de textos do Instituto Benjamin Constant**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014. cap. 15, p. 214- 223.

PEREIRA, J. L. C. e COSTA, M. da P. R. da – O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 1, p. 89-99, mai. 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica; 2002.

RESENDE, Gláuber; FRESQUET, Adriana. Construção do ponto de escuta em experiências de cinema com alunos de Educação Básica. *In: 36ª Reunião Anual da Anped*, Goiânia. Anais da 36ª Reunião Anual da Anped 2013.

Referências Fílmicas

Abecedário Bergala

Abecedário Deleuze

Ensaio sobre a cegueira. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Andrea Barata Ribeiro, Niv Fichman e Sonoko Sakai. Brasil, Canadá, Japão: O2 Filmes, Rhombus Media e Bee Vine Pictures, 2008, 1 DVD. 219

Hoje eu quero voltar sozinho. Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Daniel Ribeiro e Diana Almeida. Brasil: Lacuna Filmes, 2014, 1 DVD.

Janela da Alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: João Jardim. Brasil: Ravina Films e Duetto Films, 2001, 1 DVD.

O som ao redor. Direção: Kléber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Brasil: CinemaScópio e Vitrine Filmes, 2012, 1 DVD.

Um homem com a câmera. Direção: Dziga Vertov. Produção: Não divulgado. União Soviética, 1929.

ANEXOS

DEFINIÇÕES DO DICIONÁRIO *MICHAELIS* (2017)

APARECER

(1) Tornar-se visível; apresentar-se, mostrar-se. (2) Revelar-se ou tornar-se subitamente visível (o que estava oculto ou perdido). (3) Comparecer ou apresentar-se em algum lugar. (4) Tornar-se realidade, ocorrer, surgir. (Dicionário Michaelis)

APRENDER

(1) Adquirir habilidade prática (em); (2) Passar a compreender (algo) melhor graças a um depuramento da capacidade de apreciação, empatia, percepção etc.

AVENTURAS

(1) Acontecimento imprevisto,; incidente; (2) Sucessão de ocorrências resultantes de causas independentes da vontade; contingência, eventualidade, sorte.

CONHECER

(1) Ter ou adquirir informações sobre alguma coisa; ter noção, ideia ou conhecimento sobre algo; saber. (2) Ter ciência ou consciência de algo. (3) Ser apresentado a alguém; travar relação inicial com alguém. (4) Ter passado por determinada experiência; ter experimentado.

CONCENTRAR

Fixar (atenção, energia, esforços etc.) para atingir um objetivo. (Dicionário Michaelis)

DESENVOLVER

(1) Tirar do invólucro, descobrir o que estava envolvido ou coberto; desembrulhar. (2) Expandir(-se), aperfeiçoar(-se) no aspecto moral, intelectual, psicológico, espiritual etc.

EMOÇÃO

(1) Ação de sensibilizar(-se). (2) Perturbação dos sentimentos; turbção. (3) Reação afetiva de grande intensidade que envolve modificação da respiração,

criculação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou depressão.

ENQUADRAR

(1) Pôr em quadro ou em moldura; emoldurar, encaixilhar (2) Colocar(-se) em harmonia com; adequar(-se), harmonizar(-se) (3) Delimitar, no visor da câmera, o conteúdo ou motivo que se deseja registrar

ESFORÇO

(1) Intenso emprego de forças e energias (física, moral, intelectual etc.) para dar conta de um determinado empreendimento, satisfazer um desejo, realizar um sonho ou ideal, cumprir um dever. (2) Atenção cuidadosa, aplicação no desempenho de uma tarefa; diligência, dedicação, zelo.

EXIBIR

(1) Tornar patente ou visível de forma intencional; mostrar (2) Apresentar em uma exposição (3) Fazer a apresentação de (4) Projetar um filme (5) Mostrar(-se) em público ou para o público.

FILMAR

(1) Fazer um filme; registrar em filme uma imagem, cinematografar, gravar, rodar.

FAZER

(1) Dar existência ou forma a; conceber, criar, produzir (2) Dedicar-se à produção intelectual ou artística; compor, conceber, criar.

IDEIA

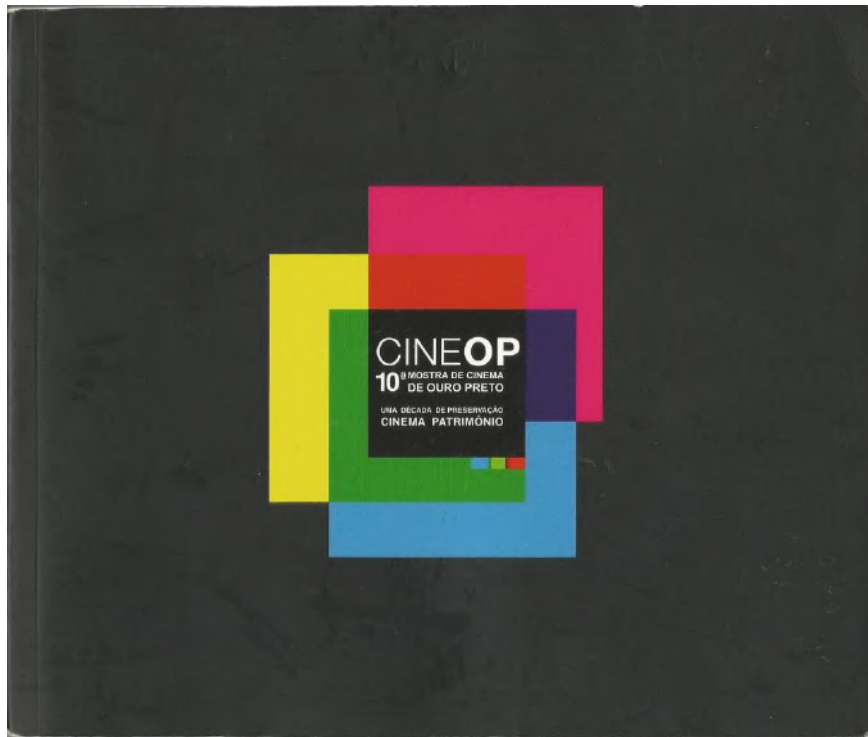
(1) Objeto imediato do pensamento, conceito ou noção que temos sobre algo, que pode ser concreto ou abstrato. (2) Representação mental decorrente de um processo de abstração e percebido pelos sentidos.

SABER

(1) Ter conhecimento de; conhecer. (2) Ter adquirido determinada capacidade ou habilidade por meio da aprendizagem. (3) Ser capaz de; ter meios para; conseguir.

IMAGENS

IMAGEM 1



Capa do Catálogo da 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto. Fonte: Próprio autor

IMAGEM 2



IMAGEM 3

